

DISCURSOS MÍTICOS COMO PREDITORES PARA O ECOTURISMO NA ZONA RURAL DE MANAUS

MYTHICS DISCOURSES WHILE PREDICTORS FOR ECOTURISM AT RURAL ZONE OF MANAUS

Renan Albuquerque Rodrigues¹
 Andréia Mayumi Niiyama²

RESUMO: Um princípio básico para se efetivar o ecoturismo na amazônia é o fomento a alteridade. Respeitar o outro é essencial para o setor. Partindo desse pressuposto, foram estudados discursos de povos amazônicos acerca da mitologia cabocla. Duas comunidades rurais de manaus (am) foram avaliadas. Foram exploradas representações sociais do ambientalismo de 30 pessoas. Utilizou-se modelo não-probabilístico, por cotas, com abrangência de 120 participantes, distribuídos entre quatro conjuntos populacionais, subdivididos entre sexo e tempo de estada nas regiões. Os resultados mostraram existir condições atenuantes e agravantes para a aceitação dos mitos, o que sugere a necessidade de práticas específicas de fomento ao ecoturismo, caso este ocorra nessas regiões amazônicas — isso porque a quantidade de pessoas na zona rural de manaus que hoje toma como crível os mitos contados desde a antigüidade ainda é muito significativa, sobretudo no reduzido conjunto da opinião pública das populações amazônicas situadas em ambientes agropastoris.

PALAVRAS-CHAVE: Ecoturismo; Mitologia; Zona rural.

ABSTRACT: One basic factor for to made develop the ecotourism in the amazon is the alteridade. To respect for the others peoples is essential. Starting this, was studded discourses of the amazon peoples about the mythology. Two rural communities at the manaus (am) were investigated. Were explored socials representations of the environmentalism to the 30 peoples. It was utilized the survey not-probabilistic, with 120 participants, conducted about four population groups, applied for the “sex” and “time in the community” subdivisions. The results showed items positives and negatives for the amazon myths, that they affirms to be necessary specific actions for to ecotourism factor. This is occurred because there are many peoples that believed in the amazon myths. This situation to result in the social changes for the public opinion situated in the rural areas.

KEYWORDS: Ecotourism; Mythology; Rural zone.

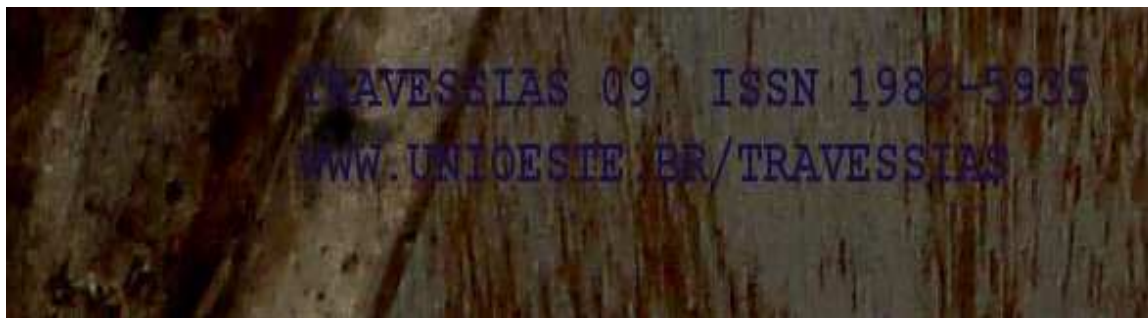
Introdução

As comunidades rurais ribeirinhas de Manaus, assim como de toda a Amazônia brasileira, sempre possuíram conhecimentos bastante arraigados à sua cultura popular. Grande parte das

¹ Bel. Comunicação Social (CUNL/AM), MSc. Psicologia Social (UFPB) e doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam). (renanalbuquerque@hotmail.com).

² Bel. em Comunicação Social (Ufam), esp. Docência no Ensino Superior (Ucam-RJ). (andreamn@hotmail.com).

Renan Albuquerque Rodrigues
Andréia Mayumi Niiyama



explicações sobre a realidade na qual se inserem foi construída a partir de mitos amazônicos, repassados ao longo da história por meio da oralidade, de geração para geração. Essa mitologia característica das populações auxiliou de maneira determinante na formação sociohistórica dos povos (Pinto, 2000, p. 197).

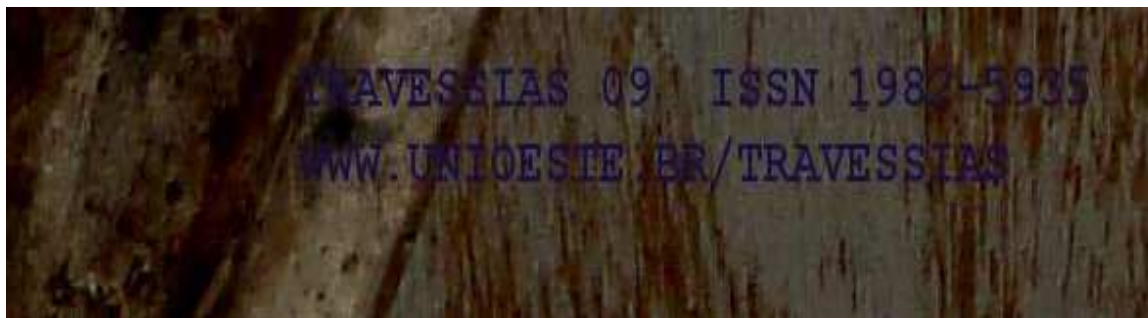
Todavia, com o advento da modernidade, é ponto pacífico observar uma perceptível diminuição na quantidade de pessoas que buscam compreender parte do mundo ao seu redor por meio de discursos mitológicos. Partindo desse princípio, foram aferidos percentuais de aceitação dos mitos na atualidade, enquanto discursos explicadores do real, em duas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus. A proposta foi baseada no princípio da alteridade (Jovchelovitch, 1998. In Arruda, p. 115) como componente a ser resguardado no âmbito das políticas públicas para o ecoturismo na Amazônia.

Foram utilizados aportes da psicologia social e da antropologia etnográfica para explorar e descrever os mitos enquanto discursos interpretadores da realidade coletiva ou de pelo menos parte dela. Para aferir discursos com esse viés, o estudo foi dividido em duas partes. Primeiro, a pesquisa partiu da Teoria das Representações Sociais (TRS), tendo em vista erigir categorias acerca do conceito de ambientalismo — já que nas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus os mitos são interligados à questão da natureza e do meio ambiente (Rodrigues, 2006, p. 83). Depois, foi construído um questionário no intuito de mensurar níveis de aceitação/negação do discurso mitológico mediante análise do léxico-semântico apreendido.

Enfoque teórico

A importância histórica da mitologia amazônica para as populações rurais dessa região, em seu conjunto de saberes coletivos e individuais, sociais e psíquicos, vem sendo estudada de forma mais contundente desde a virada do milênio (Rodrigues, 2006, p. 82; Silva, 2001, p. 17). Porém, não é novo o debate sobre a importância dos mitos na formação de significados de mundo para os seres humanos em geral. Exemplos dessa vertente investigativa podem ser observados em estudos de Moscovici (1961, p. 15), na área psicológica, e Lévi-Strauss (1978, p. 56), no campo antropológico.

Nos anos 1980, pelo lado psicossocial, Jodelet (1985. In Moscovici, 1961, p. 14) e Doise (Idem), por exemplo, foram dois expoentes da evolução desses estudos, com contributos importantes; na mesma época, em pesquisas relativas a mitos populares, Falcke & Wagner (2000, p. 433) promoveu



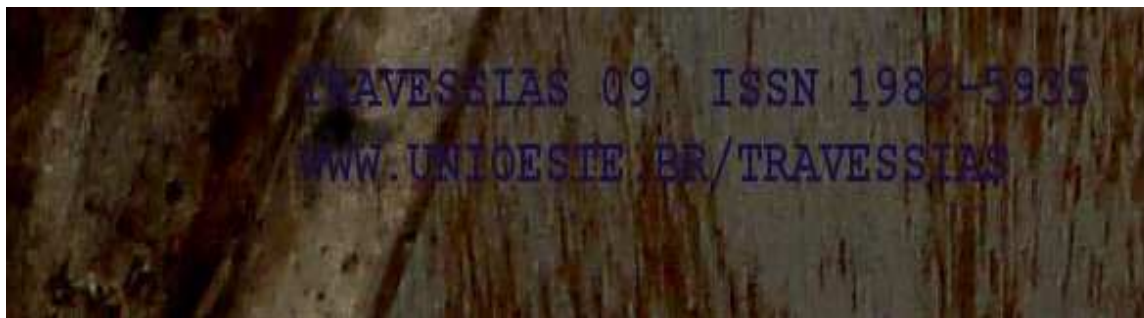
avanços aos estudos pioneiros de Lévi-Strauss (1981 et 1983. In 1978, p. 42) e liderou explorações acerca dos significados da subjetividade mitológica e os processos de interação simbólica (Agnolin, 2002, p. 154).

É claro que tanto antropólogos, psicólogos sociais ou sociólogos continuam mantendo discursos acalorados sobre as perspectivas a serem incorporadas às análises investigativas (Perrone-Moisés, 1999, p. 16; Monod-Becquelin & Erokson, 2000, p. 114; Calávia Sáez, 2002, p. 25). Mas vale ressaltar que o estudo dos mitos a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS) existe há pelo menos duas décadas (Detienne, 1981, p. 72; Pinto, 2005, p. 177) e hoje vem ganhando grande notoriedade, mesmo interposto por questionamentos discordantes (Andolfi & Angelo, 1989, p. 436).

Avançando no debate sobre a literatura disponível, verifica-se em Lévi-Strauss (1978, p. 43) uma recente exposição do que se procura destacar: a questão do entrelaçamento da TRS com os estudos contemporâneos sobre a mitologia. Ele toma como base a conceituação grega de “mythos” (narração) e afirma, tal qual Malinowski (1954, In Junqueira, 1998, p. 75), que as populações narradoras de um fato ou de um conjunto de fatos mitológicos o fazem porque se sentem afetadas em seu cotidiano por conta do conteúdo da narrativa. Da mesma maneira, aponta Calávia Sáez (2002, p. 21), o narrador ou o conjunto de narradores, sendo transmissores de uma tradição oral, são vistos como os detentores da responsabilidade de articulação entre o saber mitológico e sua aplicabilidade, subjetiva ou prática, para o entendimento do mundo circundante.

Nota-se, nesse ponto, que, em geral, a corrente antropológica que estuda os mitos compreende os indivíduos como seres formadores de conceitos coletivos, ressaltando o discurso mitológico como alicerce de consenso entre grupos. A estimativa coaduna, da mesma maneira, com uma interpretação oriunda da TRS (Moscovici, 1976, p. 21), cuja análise enfatiza que mitos são instrumentos integradores do conjunto de representações sociais das pessoas — posição que, por outro lado, contrasta com a verificação do mito na micro-unidade familiar das classes sociais das urbes: onde ele é notado como algo que se desenvolve sobre o vazio de opiniões (Andolfi & Angelo, 1989, p. 437).

Segundo Ianni (2002), existe um complexo substrato cultural pagão na formação da sociedade brasileira, a partir do qual se produz a matéria discursiva da criação dos mitos. Outros sociólogos, também estudiosos do viés antropológico da questão mítica, sugerem que esse complexo pagão fomentador dos mitos tem sua origem ou no domínio do fogo (Viveiros de Castro & Carneiro da



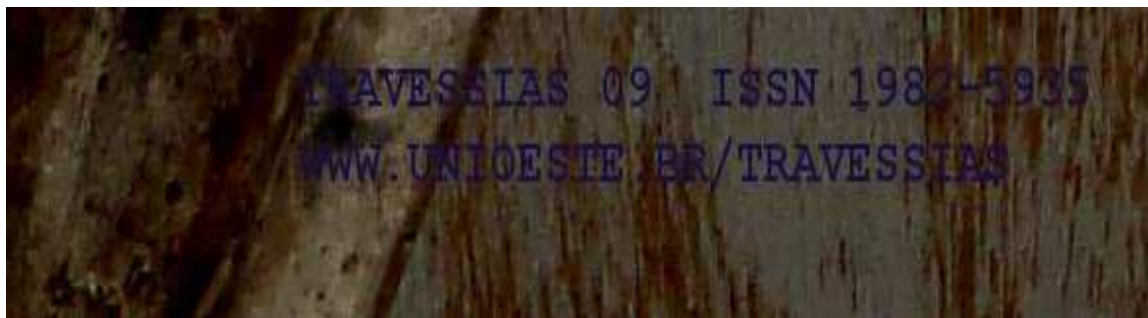
Cunha, 1986, p. 55) ou na antropofagia (Agnolin, 2002, p. 177). Para a psicologia social, a idéia do complexo pagão fomentador dos mitos teve apoio em Barthes (1961, p. 109), que há quatro décadas estudou o que se convencionou denominar de mediação progressiva (Lévi-Strauss, 1991, p. 36) das significações coletivas, evidenciando a função do mito enquanto discurso oriundo de uma realidade conhecida individual e coletivamente.

Sobre a sugestiva irracionalidade dos mitos, a discussão não se opera para a corrente clássica mais disseminada da antropologia (Lévi-Strauss, 1978, p. 23). Da mesma maneira, descrever a formação e a utilização da subjetividade mítica como um mero agrupamento de fatos ficcionais sem efetividade histórica e social não parece ser de razoável prudência. Na visão de Marcel Detienne (1981, p. 187), a classificação dos discursos como sendo expressões mitológicas é um ato excludente e dominador, o que prejudica, segundo ele, a intenção de descrever os mitos como conjuntos de representações sociais.

Ao se denominar a mitologia como sendo um compêndio de relatos, sejam eles enigmáticos ou corriqueiros e simples, tem-se uma perspectiva diferente (Junqueira, 1998, p. 109), porque passam a ser estabelecidas duas situações: a) a notabilidade do viés universal com o qual se trata o discurso mítico dos coletivos; e b) o vislumbre desses discursos como uma tentativa de explicação do sentido da vida. Nos dois casos, é perceptível a valorização da cultura mediante o entendimento dos mitos como elementos da história social dos povos e não como meros componentes instrumentais para a facilitação da linguagem interpessoal.

Fato diligente, nesse contexto, é perceber que caem por terra as sugestões de uma corrente antropológica menos difundida (Lima, 1999, p. 129), cujas análises destacam que qualquer invenção discursiva seria possível para os contadores de mitos, sem que houvesse a necessidade de uma lógica, mesmo que primária, porque os discursos mitológicos seriam construídos continuamente, sem coerência, através dos tempos. Ou seja, a visão de que os mitos não seriam representações autênticas das crenças históricas coletivas, mas sim falas auto-ajustáveis aos interesses individuais, não se sustenta (Junqueira, 1998, p. 108; Perrone-Moisés, 1999, p. 17; Calávia Sáez, 2002, p. 15; Agnolin, 2002, p. 142).

No tocante aos mitos, a TRS sustenta que eles fazem parte do conjunto de crenças dos coletivos acerca do ambiente onde vivem, a partir de complexos suportes sociohistóricos aprendidos no decurso do tempo, de modo simbólico. Assim como ocorre no campo antropológico, em psicologia



social existem correntes de pensamento que são mais inclinadas a perceber o discurso social como indissociável do discurso mítico, tais como a mexicana.

El pensamiento social, en conjunto, construye las estructuras de pensamiento dentro de las cuales él mismo se desarrolla, como por ejemplo, la historicidad. De la misma manera, el pensamiento social construye estructuras “antehistóricas” que permiten explicar su propia aparición, como por ejemplo la noción da causa, siendo, sin embargo, los mitos, la más general de estas estructuras. (...) El pensamiento cotidiano utiliza indefectiblemente estructuras míticas de pensamiento. (Christlieb, 2001, p. 1).

Conforme o autor, o mito incrustado em um discurso é como a expressão de um sentimento de pertença a uma sociedade, porque ele se repete, mas seu bojo não se altera (Id., p. 8). A orientação moral da mítica é aquilo que passa a ser importante e não o mito em si enquanto discurso.

Por esse conduto, pode-se sugerir que toda a análise da realidade funcional das representações sociais de um grupo é válida antropológicamente quando os integrantes do grupo partilham da mesma carga cultural e da idêntica experiência histórica e situacional. É passível ainda de destacamento a possibilidade de se fazer intercâmbio entre problemas antropológicos e questões relacionadas à psicologia social, tendo em vista serem áreas que investigam problemáticas referentes, sobremaneira, ao homem e sua atividade perceptiva.

Material e métodos

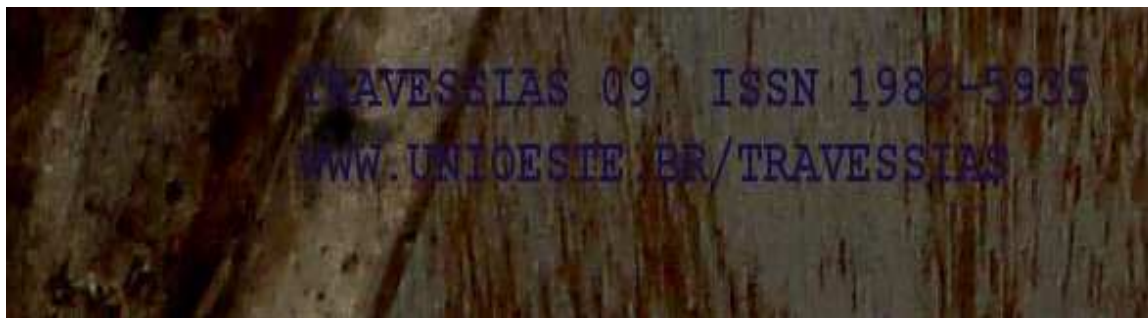
Estudo 1

Locais

Foi realizado em Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento, duas comunidades localizadas na zona rural de Manaus, no Estado do Amazonas. Elas estão situadas a oeste da capital, distantes 7,5 km e 7,9km, respectivamente, de Manaus, o que equivale a quase 25 minutos atravessando o rio Negro, que banha a capital amazonense, de canoa motorizada, ou 2h30 de canoa a remo, a partir da margem da Ponta do David, no extremo oeste da cidade, ou ainda aproximadamente 3 horas e 30 minutos seguindo pela rodovia BR-174 (Manaus - Porto Velho). Fátima e Livramento se situam às margens do Igarapé Tarumã Mirim, que banha a costa esquerda da Bacia do Rio Negro.

Participantes

Renan Albuquerque Rodrigues
Andréia Mayumi Niiyama



Foram exploradas e descritas as representações sociais do ambientalismo por populações rurais ribeirinhas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento. Dois grupos ($n = 15$) de membros das comunidades (17 de Fátima e 13 do Livramento) foram selecionados, sendo 50% de homens e 50% mulheres, com idade média (M) de 32,7 anos. Esses dois grupos foram subdivididos em outros dois, caracterizados pelos anos de residência nas comunidades: a) entre homens e mulheres com nove ou mais anos de estada em Fátima ou Livramento (H 9+ e M 9+); e b) e homens e mulheres com quatro ou menos anos de estada em Fátima ou Livramento (H 0-4 e M 0-4).

Instrumento

Foi dado aos respondentes de Fátima e Livramento um questionário contendo cinco questões (tipo likert), com quatro opções de respostas cada. Solicitou-se que eles assinalassem apenas uma resposta para cada questão referente ao significado de ambientalismo, segundo sua opinião.

Análise de dados

Utilizou-se a análise de conteúdo temática (Bardin, 1977, p. 84; Vala, 1986, p. 72.; Catão, 2001, p. 189), em que são aferidas frequências de citações conjunturais via atributos semânticos, em frases e/ou orações. O plano de análise, tendo em vista a abrangência do corpus da coleta, versou sobre a classificação e a categorização técnico-conceitual dos discursos. A análise de conteúdo poderia ter sido modificada, caso não tivesse sido levado em conta a lógica não-formal (Vala, 1978, p. 67) de produção das narrativas pessoais, o que não foi o caso. Assim, optou-se por avaliar a emergência das categorias a posteriori.

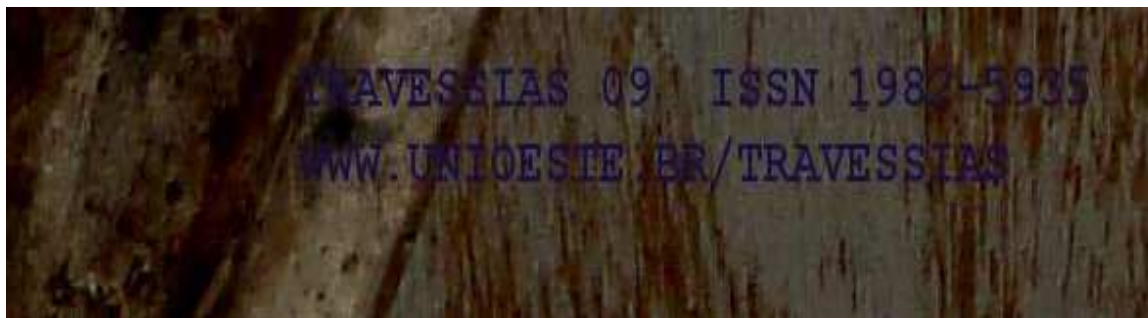
Estudo 2

Locais

Comunidades rurais ribeirinhas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento.

Participantes

Realizado a partir da definição dos quatro grupos de populações, conforme descrição das representações sociais do ambientalismo feita no *Estudo 1*. Foram verificadas entre esses grupos suas perspectivas quanto à aceitação ou negação dos mitos amazônicos. Nesse âmbito, além das 30 pessoas que participaram da primeira coleta de dados, outros 90 respondentes foram incluídos nesta etapa, sendo, ao todo, 60 em Fátima e 60 em Livramento. Procurou-se evidenciar coerência no conjunto



populacional ao qual foi aplicado o questionário sobre mitos (aceitação/negação), cujo total foi de 120 pessoas, sendo 54,17% em Fátima e 45,83% em Livramento.

As faixas etárias variaram de 16 a 39 anos de idade (61,56%) e de 40 a 80 anos de idade (39,44%). Os participantes foram selecionados por meio de uma amostra não-probabilística, de conveniência, divididos entre pessoas do sexo masculino e feminino, maiores de 16 anos, com duas variações de tempo (quatro ou menos anos, nove ou mais anos — H e M 9+, H e M 0-4) de residência na referida comunidade. Desse modo, obtiveram-se duas condições de permanência na comunidade por dois sexos, com 30 pessoas em cada uma das quatro caselas ($n = 30$). Existiram dois critérios de exclusão que implicaram a) para moradores que não fossem residentes fixos das áreas rurais e b) para adolescentes com idade inferior a 16 anos.

Instrumento

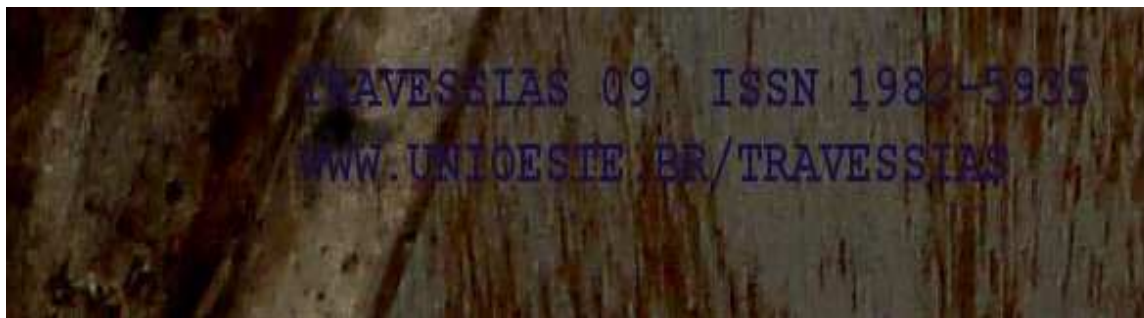
O questionário foi composto de seis questões com quatro alternativas de respostas para cada uma delas, tendo sido ministrado aos participantes de uma única vez.

Os questionamentos foram relacionados à mitologia que comumente se ouve falar em comunidades rurais ribeirinhas da Amazônia, segundo descrição da literatura etnosociológica (Detienne, 1981, p. 87; Pinto, 2000, p. 123), a qual exemplifica como mitológicas históricas antigas narrativas sobre botos que viram homens (lenda do boto-tucuxi), imensas cobras que movimentam ilhas e comem gente (lenda da cobra-grande) e seres da floresta que são traquinos e têm o pé para trás (lenda do curupira).

Foram feitas perguntas do tipo “é comum a existência de credices populares relacionadas a mitos nas comunidades amazônicas?”, “em sua opinião, na maioria das vezes essa suposta mitologia existente se relaciona com o quê?”, “o que você pensa sobre esses mitos que se escuta falar no dia a dia de sua comunidade?”.

O instrumento de coleta de dados solicitou aos respondentes: a) dados sócio-demográficos; e b) que respondessem a seis questões, entre quatro opções (em ordem aleatória) pré-estipuladas, com suas opiniões sobre os mitos amazônicos.

A pré-estipulação das questões referiu-se a três mitos principais da Amazônia: a) o da cobra-grande, b) o do boto-tucuxi, e c) o do curupira.



Os dados foram coletados respeitando-se a disponibilidade dos participantes. O instrumento foi, em sua maioria, aplicado individualmente. Todavia, houve casos em que quatro ou cinco pessoas foram reunidas para responderem ao questionário. Mesmo assim, cada uma delas marcou suas respostas de forma individual e sem consulta a outras pessoas.

Análise de dados

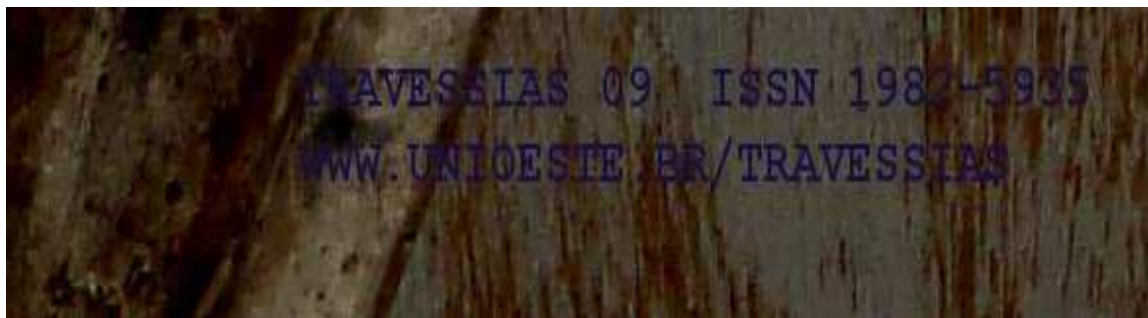
O questionário foi disposto para que, conforme fossem escolhidas as respostas, os participantes sugerissem de forma negativa ou positiva a existência e o uso dos mitos nos discursos. A seguir, quadro apresentando os dados em percentuais ‘arredondados’, livres de respostas em branco ou respostas dúbias e enviesadas (estipuladas como nulas).

Quanto aos homens com, no máximo, quatro anos de residência na zona rural ribeirinha de Manaus (H0-4), 49,16% deles demonstraram aceitar e 50,83% enfatizaram sua negação quanto ao discurso mitológico amazônico; das mulheres com, no máximo, quatro anos de residência (M0-4), 54,16% delas aceitaram e 45,83% negaram o mesmo discurso; dos homens com nove ou mais anos de residência na região rural ribeirinha de Manaus (H9+), 67,50% deles aceitaram e 32,50% afirmaram negar a mítica; referente às mulheres com nove ou mais anos de residência (M9+), 72,50% delas aceitaram e 27,50% negaram a vigência do discurso mitológico em sua região.

Resultados e discussão

Sobre o estudo 1

Foram encontradas, segundo conjunto de análises de ordem léxico-semântica, quatro categorias: 1) Conscientização, 2) Lazer/Ócio, 3) Trabalho e 4) Identificação com a terra. A primeira categoria foi denominada de Conscientização por ter sido cotejada por meio de falas como “ambientalismo é não sujar”, “ambientalismo é varrer o quintal”. À segunda categoria, atribuiu-se a denominação de Lazer/Ócio, referente a discursos como “ambientalismo é ter um local limpo para descansar”, “é poder ter onde passar o fim de semana tranquilo”. Quanto à terceira unidade categorizada, ela foi detalhada como Trabalho e reunida sob a menção de aspectos naturais e extrativistas, como “ambientalismo é não poluir os rios, de onde a gente tira o sustento”, “é não derrubar florestas sem necessidade para plantar”. A quarta categoria foi especificada como Identificação com a terra, segundo citações do tipo “ambientalismo é (agir) cuidando da nossa casa”, “ambientalismo é não poluir nossa casa (morada)”.



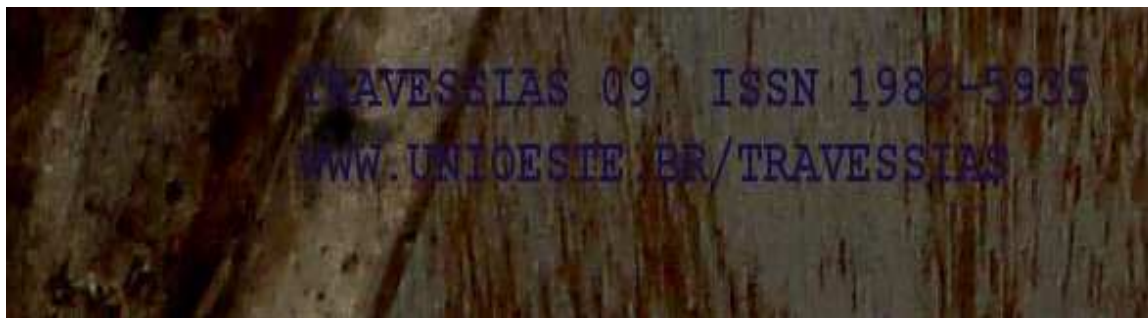
Notem-se significados atribuídos a percepções do ambientalismo por moradores: a) identificação - casa natural, morada, moradia ecológica, lar; b) lazer/ócio – liberdade, descanso, desfrutar do meio; c) trabalho – trabalho, sustento, subsistência, ganha-pão, caça e pesca; d) conscientização – consciência, ecologia, preservação, limpeza.

Estipulando referenciais sobre a presença dos mitos nos significados apreendidos sobre ambientalismo, destaca-se: a) sobre o atributo Conscientização, os participantes inclusos na caracterização tendem a desenvolver uma relação indireta de negação com os mitos, pois, por essa via, quanto mais se eleva a noção de ambientalismo mais as crenças tradicionais são perdidas (Diegues, 1998, p. 99); b) sobre Lazer/Ócio, a relação desenvolvida por meio desse atributo é assertiva e indireta quanto aos mitos, por conta da influência comportamental ociosa incidir sobre o desenvolvimento cognitivo; em Trabalho, a relação é positiva e direta quanto aos mitos, pois o labor exige proximidade do homem com o meio, o que facilita a angulação; para Identificação com a terra, foram manifestos discursos referentes a propostas ecocentristas, de viés ecológico (Castro, 2003, p. 269), sendo perceptível que a aceitação/negação mítica oscilava conforme, sobretudo, as necessidades individuais.

Sobre as representações sociais do ambientalismo em Fátima e Livramento, notou-se que:

a) No geral, por se tratar de uma população não-tradicional e sem metodologia específica para o manejo extrativo (Diegues, 1998, p. 156; Adams, 2000, p. 166), as percepções coletivas foram descritas, em sua maioria, como estando em processo de estruturação nas quatro camadas populacionais referidas pela pesquisa nas comunidades rurais ribeirinhas de Fátima e Livramento. Esse entendimento foi observado tomando-se por base que a formação das RS ainda não se sedimentou nas comunidades devido transformações sociais a que vêm sendo submetidas tais populações, concernente à sua evolução espaço-temporal.

b) Quanto à separação em quatro grupos categorizados a partir da reunião de atributos semânticos, foram destacadas as particularidades das respostas com o contexto em que vivem os moradores de Livramento, segundo critérios de Bardin (1977, p. 76). Foi visto que não houve variação no conjunto observado de respostas, assim como já se destacou também não haver acontecido em outros estudos recentes da mesma natureza (Castro & Lima, 2001, p. 410; Castro, 2003, p. 264), nos quais se utilizou um modelo quantitativo, com a escala HEP-NEP (Dunlap, 1993, p. 269), usada para averiguar intenções e desejabilidades ecológicas de indivíduos e grupos.



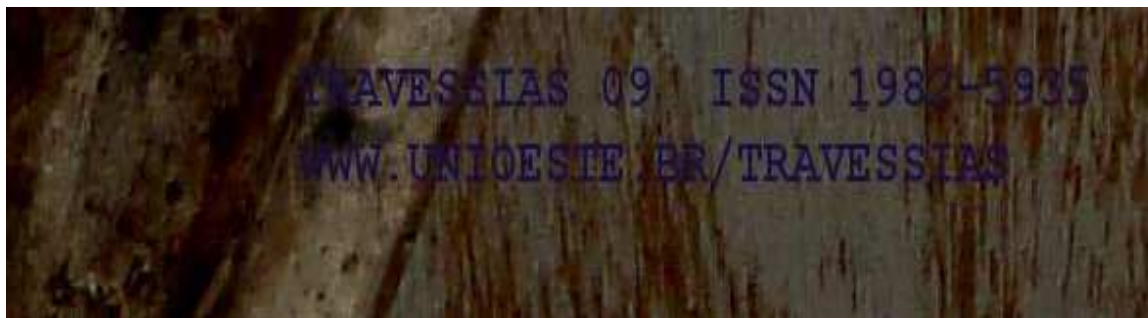
c) Sobre o intercâmbio entre a TRS e o estudo dos mitos em antropologia, o estabelecido foi que, de acordo com os pressupostos levantados e aferidos em Fátima e Livramento, a pesquisa se mostrou executável quando procurou aferir a aceitação/negação dos mitos por meio daquilo que dá base e sustentação às narrativas: o meio ambiente. Entretanto, ressalta-se, aferir a aceitação/negação do discurso mítico a partir do referencial de que eles integram a constelação de crenças formadoras e sustentadoras das representações sociais do ambientalismo em Fátima e Livramento, perfaz somente uma parte da análise necessária para se estabelecer maiores vínculos entre o discurso mítico e a compreensão de mundo dos coletivos rurais ribeirinhos da Amazônia. Até mesmo porque na área rural de Manaus muito já se perdeu no tocante às histórias míticas, diferente do que acontece nos interiores do Amazonas e na Amazônia não-urbana em geral. Dessa maneira, suscitam-se os possíveis vieses de resultados que a mesma pesquisa poderia obter, caso fosse realizada em ambientes rurais ribeirinhos do interior do Estado, por exemplo.

Sobre o estudo 2

A positividade para a aceitação dos mitos se elevou nas populações com nove ou mais anos de tempo de residência nas comunidades rurais ribeirinhas de Fátima e Livramento, e teve baixa nos grupos de moradores com até quatro anos de residência. Duas situações refletoras de que a especificidade “tempo de residência nas comunidades rurais ribeirinhas” mantém influência enquanto fator de determinação das representações sociais do ambientalismo. O que se pôde suscitar, a partir da indicação, é que a permanência nas regiões rurais ribeirinhas é um quesito positivo para a aceitação da narrativa mitológica.

Como sugestão oriunda dos dados coletados, e que também exacerba a suposição de que o tempo de residência nas comunidades é fator decisivo na aceitação do discurso mitológico, notem-se metade dos participantes M0-4 e H0-4 ($M = 4,9$ e $5,0$ em cada dez participantes, respectivamente) não afirmou serem os mitos fatores influentes em suas percepções do ambientalismo. O índice chegou a $7,2$ (M) em cada dez participantes para a população M9+ e $6,7$ (M) em cada dez entrevistados para o grupo H9+ — grupos populacionais com mais tempo de estada.

Notadamente, as médias das respostas positivas enfatizaram a propensão para o fortalecimento das representações sociais do ambientalismo via mitos, e foram maiores em pessoas com mais tempo



de estada nas comunidades rurais ribeirinhas de Fátima e Livramento do que dentre aquelas com tempo de moradia até quatro anos.

A aceitação da narrativa mitológica foi maior entre as mulheres tanto no comparativo M0-4 ante H0-4 quanto em M9+ ante H9+. Em ambos os casos, o público feminino teve quantidade de discursos positivos para aceitação mitológica mais significativa que o masculino, sendo este o que mais rejeitou a influência de mitos no cotidiano de suas representações sociais.

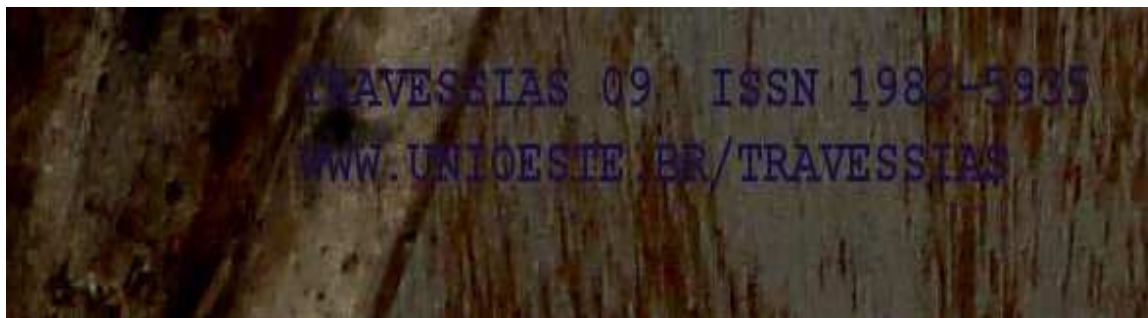
Tendo sido notada na divisão por sexo a angulação das respostas concernentes à aceitação do discurso mitológico, pôde-se sugerir que: a) a aceitação do mito foi inversamente proporcional à prática de atividades naturais extrativistas (próprias aos homens), porque foram os públicos femininos (M0-4 e M9+) os que mais ressaltaram acatar os discursos mitológicos; e b) a disseminação dos mitos tendeu a sugerir um sistema matriarcal de ensino-aprendizagem, porque foram as mulheres quem mais demonstraram deter os saberes tradicionais mitológicos.

As populações M0-4 e H0-4 não mantiveram percentual de aceitação aos mitos superiores aos cinco pontos percentuais acima dos 50% (negatividade a níveis maiores que 55%), o que tendeu a significar — retornando à problemática da ancoragem via tempo de residência — que os moradores mais recentes em Fátima quanto e Livramento negam mais a narrativa mitológica enquanto pressuposto para explicar a realidade.

Conclusão

O estudo levou em consideração um princípio básico para se efetivar o ecoturismo na Amazônia, que é o fomento a alteridade. Compreender, assimilar e respeitar o outro é essencial para qualquer turista em qualquer parte do mundo. Com isso, ganha o visitante, que passa a ter contato com novas identidades e práticas sociais, e ganha o morador da área turística, com a renda obtida por meio da atividade e a troca de experiências.

Partindo desse pressuposto, o estudo descreveu, com base na Teoria das Representações Sociais (TRS), os discursos afirmativos e/ou negativos de concordância dos povos ribeirinhos amazônicos acerca da mitologia cabocla, sendo que os resultados mostraram existir condições atenuantes e agravantes em relação a aceitação dos mitos amazônicos nas duas áreas pesquisadas.



Com isso, é sugestiva a necessidade de práticas bastante específicas de fomento ao ecoturismo, caso este ocorra no futuro, nessas regiões amazônicas — isso porque a quantidade de pessoas na zona rural de Manaus que hoje toma como crível os mitos contados desde a antigüidade ainda é muito significativa, atuante e presente, sobretudo no reduzido conjunto da opinião pública das populações amazônicas situadas em ambientes agropastoris, onde culturas primárias dominam, tais como as estudadas no levantamento.

Para avaliar a alteridade para a prática do ecoturismo em zonas rurais ribeirinhas de Manaus levou-se em consideração que não é apenas vontade individual a qual constrói o sentido de meio ambiente e nem as circunstâncias. Não é também o indivíduo somente em suas relações familiares, e nem a sociedade com suas determinações, mas sim a relação indivíduo-sociedade, produzida pela articulação do ser com o mundo e com outros seres, formando e transformando sua visão de mundo, que auxilia nos significados da natureza (Catão, 2001, p.33).

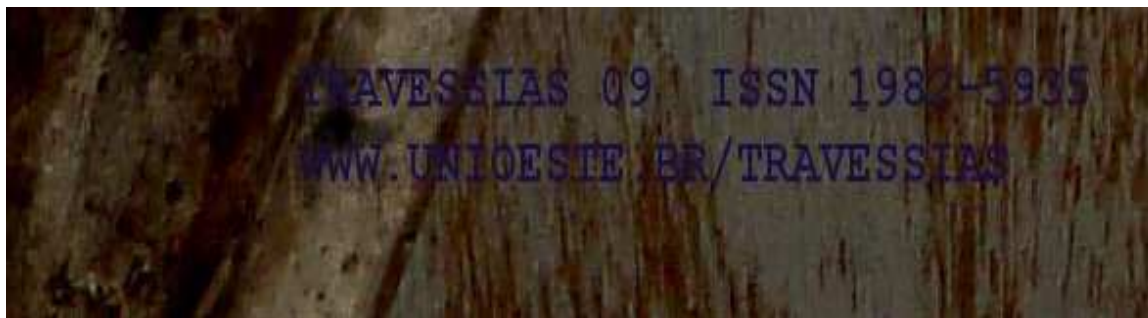
De tal feita, para o ecoturista amazônico é pressuposto que o meio ambiente seja observado como área de convivência e trabalho, que influencia na forma como os moradores interpretam suas atividades sociais, e não apenas como um campo exótico, uma terra estrangeira de ninguém, a ser explorada sem critérios baseados na alteridade.

As percepções acerca dos mitos em referência ao meio ambiente, em geral, são positivas nas duas localidades onde foram feitos os levantamentos. Moradores de Fátima e Livramento entendem a seu modo, pautados pela necessidade de sobrevivência, que a questão da preservação é útil a eles, sobretudo quando a geração de renda vem a reboque, perpassando pelo segmento do ecoturismo. Porém, como foram salientes e repetitivos os discursos sobre a mitologia cabocla, cabe reforçar a proposta da alteridade para os ecoturistas que se aventurem na região.

Por fim, o trabalho deixa evidente a necessidade de estudos contundentes, sob o viés probabilístico e não-inferencial, acerca da alteridade em face ao plano turístico na Amazônia. A proposta pode ser levada a termo a partir dos dados ora descritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Renan Albuquerque Rodrigues
Andréia Mayumi Niiyama



ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Rev. Antropol.*, 2000, vol.43, no.1, p.145-182. ISSN 0034-7701.

AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. *Rev. Antropol.*, vol. 45, no.1, p.131-185. 2002. ISSN 0034-7701.

ANDOLFI, Maurizio, & ANGELO, Carlos (1989). Tempo e mito em terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas. In FALCKE, Denise e WAGNER, Adriana. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estud. psicol. (Natal)*, jul./dez. 2000, vol. 5, no.2, p.421-441. ISSN 1413-294X.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, São Paulo, 1977, Martins Fontes.

BARTHES, Roland. Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine, *Annales*, vol. XVI: 977-86. 1982 *Mitológicas*, 5. ed., 1961, São Paulo, Difel.

CALÁVIA SÁEZ, Omar. A variação mítica como reflexão. *Rev. Antropol.*, vol.45, nº. 1, p.7-36. 2002. ISSN 0034-7701.

CASTRO, Paula. Pensar a natureza e o ambiente: alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais. *Estudos de Psicologia (Lisboa, Portugal)*, 2003, p. 263-271.

CASTRO, Paula & LIMA, Maria Luísa. Old and new ideas about the environment and science: an exploratory study. *Environment and Behavior*, 33, 2001, 400-423.

CATÃO, Maria de Fátima. *Projeto de Vida em Construção: na exclusão/ inserção social*. João Pessoa: UFPB, 2001, Editora Universitária.

CHRISTLIEB, Pedro. La estructura mítica del pensamiento social. *Atenea Digital*, nº 0, abril, p. 28-38. Unam, 2001. Departamento de Psicología Social.

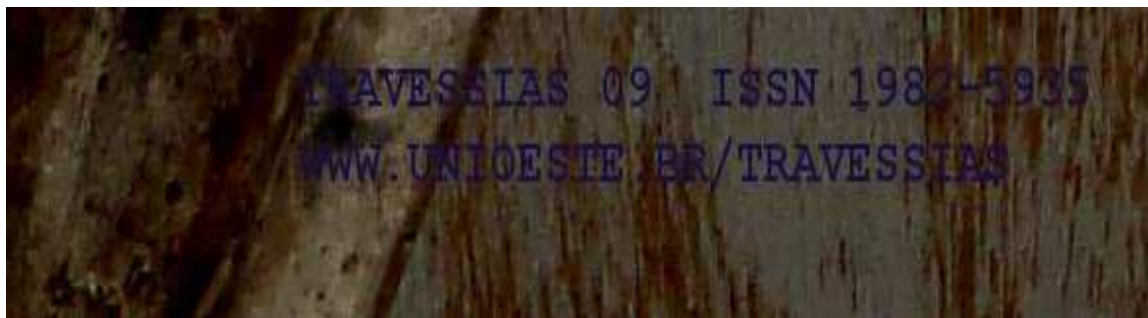
DETIENNE, Marcell. *L'Invention de la Mythologie*, Paris, 1981, Gallimard.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 2 ed., 1998, São Paulo, Hucitec.

DOISE, Willem. *L'explication en psychologie sociale*. 1982, Paris: Presses Universitaires de France.

DUNLAP, R. E. (1993). From environmental to ecological problems. In CASTRO, Paula. (2003). *Pensar a natureza e o ambiente: alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais*. *Estudos de Psicologia (Lisboa, Portugal)*, p. 263-271.

FALCKE, Denise & WAGNER, Adriana. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2000, vol. 5, no. 22008-10-29], pp. 421-441.



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000200007&lng=&nrm=iso >. ISSN 1413-294X. doi: 10.1590/S1413-294X2000000200007.

JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In MOSCOVICI, S. *Psicología social*. 1985, Buenos Aires: Paidós.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrando o outro – Para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In Angela Arruda (org.), *Representando a alteridade*. 1998, Petrópolis: Vozes.

JUNQUEIRA, Rogério. O poder do mito. *Intercâmbio*, 1998, vol. VII, (103-111).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. 1978, São Paulo: Edições 70.

_____ El origen de las maneras de mesa. *Mitológicas III*, México, Siglo XXI, 1981. In LÉVI-STRAUSS, C. & BESSA, A. M. (1978). *Mito e significado*. São Paulo: Edições 70.

_____ El hombre desnudo. *Mitológicas IV*, México, Siglo XXI, 1983. In LÉVI-STRAUSS, C. & BESSA, A. M. (1978). *Mito e significado*. São Paulo: Edições 70.

_____ Il crudo e il cotto, Milão, Mondadori, 1991. [*Le cru et le cuit*, Paris, Plon, 1964. In LÉVI-STRAUSS, C. & BESSA, A. M. (1978). *Mito e significado*. São Paulo: Edições 70.

LIMA, Tânia Stolze. O pássaro de fogo. *Rev. Antropol.* [online]. 1999, vol. 42, no. 1-22008-10-29], pp. 113-132. < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011999000100008&lng=&nrm=iso >. ISSN 0034-7701. doi: 10.1590/S0034-77011999000100008.

MONOD-BECQUELIN, Aurore. & ERIKSON, Philippe. (Eds.). *Les rituels du dialogue*. 2002. Nanterre, Societé d'Ethnologie.

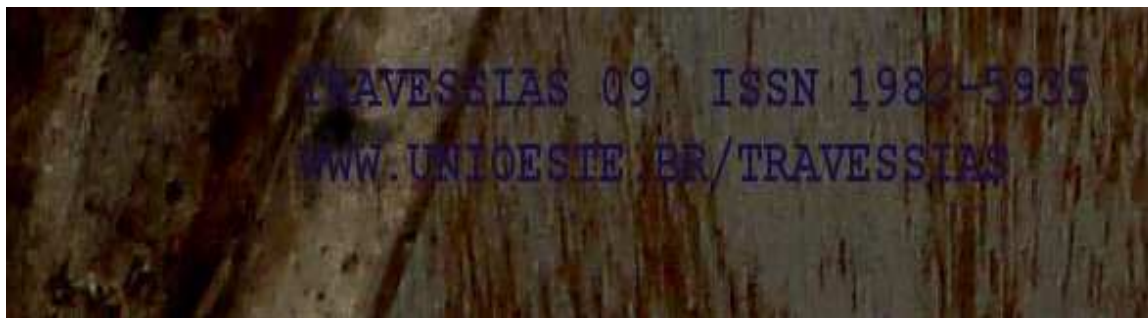
MOSCOVICI, Serge. La Psychanalyse, son image et son public. Paris: PUF. In Castro, P. *Applying social psychology to the study of environmental concern and environmental worldviews: contributions from the social representations approach*. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, vol. 16, 1961, p. 1-20.

MOSCOVICI, Serge. (1976). *Des représentations collectives aux représentations sociales*. In JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Claude Lévi-Strauss, aos 90, *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1999, vol. 42 (1-2): 9-25.

PINTO, Ernesto Renan de Freitas. *A viagem das idéias: anotações sobre a formação do pensamento social na Amazônia*. 2000. Amazonas: Edua (Editora da Universidade do Amazonas).

Renan Albuquerque Rodrigues
Andréia Mayumi Niiyama



PINTO, Ernesto Renan de Freitas. As representações científicas da Amazônia: o lugar das etnociências. *Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza*. 1ª ed. Manaus, Amazonas - Brasil, 2005, v. 1, p. 169-193.

RODRIGUES, Renan Albuquerque. As representações sociais do conceito de ambientalismo ou preservação ambiental: os casos de Fátima e Livramento. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do PPGSCA da Ufam/AM, Edua/Capes*. 2006. Ano 5, nº 1, ref. a jan./jun. 2005, p. 81-93. ISSN 15118-4765.

SILVA, Marilene Corrêa. *Amazônia: região, nação, mundo*. Coleção polêmicas da Amazônia, Manaus, 2001, v. 1, n. 3, p. 1-21.

VALA, Jorge. Análise de conteúdo. In SILVA, A. S., PINTO, J. M. (Orgs.). *Metodologia em Ciências Sociais*. 1986, Porto, Edições Apontamentos.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. & CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Vingança e temporalidade: os tupinambá, 1986, *Anuário Antropológico/85*, Tempo Brasileiro.